

PENSAR A DIFERENÇA: A PROBLEMATIZAÇÃO DO GÊNERO A PARTIR DO ROMANCE *LEITE DERRAMADO*, DE CHICO BUARQUE

Fábio Marchon Coube¹

Resumo:

Esse texto tem como objetivo elucidar algumas considerações acerca do lugar estipulado para a mulher ao longo da história da metafísica ocidental. O modelo falocêntrico, que aprisiona e rebaixa o feminino como algo que aquém do masculino, promove a ausência da possibilidade desse polo inferiorizado de se posicionar conforme sua diferença. A partir dessas considerações, faz-se necessário desenvolver o pensamento de Judith Butler e de Jacques Derrida para pensar o feminino para além da oposição ao masculino. A desconstrução do conceito de mulher imposto pelo falocentrismo nos revela algo que não é capaz de se deixar conceituar novamente, conforme Derrida nos demonstra em *Éperons- Les styles de Nietzsche*. Para tanto, a análise do romance *Leite Derramado* torna-se uma interessante ferramenta para mostrar o desejo de conceituar a mulher ou mesmo dar um lugar para a mesma, evitando a diferença que se movimenta em deslocamento do polo hierárquico. A personagem Matilde não tem voz, nada pode interferir no monólogo produzido no leitor de morte de Eulálio. Mesmo havendo apenas a versão de Eulálio, nas brisuras de sua memória há a intervenção do desejo, uma vez que o personagem deixa escapar diversas construções contraditórias, fomentando assim uma alteridade necessária para a composição de Matilde como alguém que, mesmo se falar, não se deixa conceituar na narrativa.

Palavras-chave: Crítica. Ficção. Feminino. Chico Buarque. Leite Derramado.

Abstract:

This article aims to elucidate some considerations about the place stipulated for women throughout the history of Western metaphysics. The phallogocentric model, which imprisons and downplays the feminine as something inferior to the masculine, promotes the absence of the possibility of this inferior pole of positioning itself according to its difference. From these considerations, it is necessary to develop the thinking of Judith Butler and Jacques Derrida to think the feminine beyond the opposition to the masculine. The deconstruction of the concept of woman imposed by phallogocentrism reveals to us something that can not be conceptualized again, as Derrida shows us in *Éperons-Les styles de*

Nietzsche. To do so, the analysis of the novel *Leite Derramado* becomes an interesting tool to show the desire to conceptualize the woman or even give a place to it, avoiding the difference that moves in the displacement of the hierarchical pole. The character Matilde has no voice, nothing can interfere with the monologue produced in the death reader of Eulalio.

Keywords: Critical. Fiction. Female. Chico Buarque. *Leite Derramado*.

Olhando meu corpo, tive a sensação de possuir um desejo potencial equivalente ao dele, por todas as fêmeas do mundo, porém concentrado numa só mulher.

(Chico Buarque, *Leite Derramado*)

A oralidade como uma inscrição do rastro. Se para o filósofo Jacques Derrida, a escritura é o que nos leva a pensar sobre o transbordamento da linguagem, ela não está sendo projetada para funcionar como rival ou se colocando em detrimento da fala. Pensar de uma maneira diferente ou reelaborar uma espécie de generalização sobre a escrita não quer dizer também que não devemos reconhecer as muitas hierarquias que projetam um violento e opressor modelo dicotômico.

Todavia, como um rastro, as muitas vozes de um discurso exigem um encontro com o inesperado, sobretudo ao deixar lugar ao outro, o lugar do outro para que ele seja o que pretende ser, ou seja, moldando-se em um espaço imprevisível. Essas primeiras considerações acerca da voz e da fala é um dos temas da entrevista entre o filósofo franco-argelino Jacques Derrida e a crítica literária Hélène Cixous, intitulada "From the Word to Life: A Dialogue between Jacques Derrida and Hélène Cixous". O filósofo nos chama atenção à importância de se pensar as muitas vozes que são deixadas de lado, propondo, por exemplo, a seguinte observação: "Apesar de uma diferença abissal, a escrita modela-se na voz. Interior ou não, a voz sempre encena em si, ou sempre é encenada. Nunca escrevo em silêncio, escuto-me, ouço o que é ditado por outra

voz, por mais de uma voz” (CIXOUS; DERRIDA, 2006, p. 1), diz o filósofo, referindo-se às diversas formas de elaboração da escrita a partir da escuta como caminho imprevisível e libertário.

Diante das diversas formas de escrita desenvolvidas, Cixous aponta uma “necessidade” de ser assombrada por vozes como resultado de uma energia criativa. Remetendo à leitura de Artaud, feita por Derrida em “La parole soufflée”, Cixous disserta, então, que as vozes são como um “voo de textos”. É nesse momento que Derrida afirmará, então, que o que é ditado é feito também em “mais de uma voz”, seja ela masculina ou feminina, ecoando dentro de uma pessoa:

(...) tantos outros, homens ou mulheres, que falam em mim. Quem fala (comigo). Como se eu me aventurasse a assumir a responsabilidade por uma espécie de coro que eu, no entanto, devo render justiça. Armazenista, para confirmar, indo junto ou contra os outros, isso que vem a mim de mais de um outro (masculino ou feminino). Outros inconscientes também intervêm, como as silhuetas dos destinatários conhecidos ou desconhecidos, para quem falo e que me deixam falar. (CIXOUS; DERRIDA, 2006, p. 2)

O que nos chama atenção nessa passagem, assim como nas primeiras elaborações aqui presentes, é mostrar que não deveria haver uma hierarquia entre as vozes, seja lá quais forem, sem determinar um modelo ou filtro capaz de anular qualquer uma delas.

É nesse sentido que podemos pensar o lugar da mulher diante da história do pensamento filosófico, que muitas vezes, procurou deter ou domar a voz da mulher em uma violenta oposição dicotômica. Ao invés de pensar a mulher, com toda a problemática por detrás do conceito de sexo e gênero ao longo do discurso, a história da filosofia metafísica ocidental, por exemplo, muitas vezes procurou se afastar daquilo que faz jus à questão, dando voz apenas aquilo que queria escutar, não deixando que um voo de vozes guiasse o pensamento. Pois o caminho imprevisível é perigo, exige cuidados que muitos preferiram “encurtar” respaldados por um método ou uma teoria de exclusão.

Embora a história da filosofia, dos gregos aos filósofos modernos, tenha pensado o lugar da mulher, essa era sua única condição. Pensou até mesmo

seu lugar, desde que, para isso, tenha feito do seu jeito. Ao invés de deixar lugar, deu lugar, o outro como aquilo que se pensa que ele é. Nada deve ser mais *enclausurante* do que conceituar o feminino como apenas o que se pensa que ele é. Quando se pensa assim, anula-se o movimento inerente no interior de cada estrutura, movimento que impulsiona e propaga sua própria diferença.

É preciso pensar além do conceito, como desenvolve o filósofo Jacques Derrida acerca da alteridade de seu pensamento. Há em muitas vozes o chegante, aquele ou aquilo que chega, mais ou menos de um que vem, fora do modelo óptico, vem e nem sempre o “vejo vir” (DERRIDA, 2006, p. 139). No entanto, ele vem, antes mesmo de compor o meu “eu”, impondo-me uma relação antes impensada. Mais ou menos de um, ou de uma.

Nota-se que a crítica derridiana está justamente no deslocamento do conceito daquilo ou daquele que vem oscilante entre às margens das estruturas conceituais do pensamento.

Segundo a teórica Gayatri Spivak, em “Pode o subalterno falar?”, há na história do Ocidente, um sujeito desejante, e, por outro lado, um subalterno que deseja, mas não tem voz para dizer. Há uma estrutura etno-fono-falocentrista que impera em todo discurso e procura dizer a realidade do subalterno, mas sua realidade escapa ao campo conceitual, justamente por se deslocar para além da oposição sexual, por exemplo. Se o masculino sempre procurou pensar o outro como tudo aquilo que é diferente dele mesmo, a própria oposição sexual entre masculino/ feminino não dá mais conta de corresponder à própria estrutura.

É a mulher subalterna, segundo Spivak, que se coloca em posição até mesmo mais periférica quando falarmos de subalternos, pois o etnocentrismo europeu propõe uma construção que perpetue o subalterno tal como ele é, logo, mantendo a questão da mulher de maneira ainda mais problemática, como, por exemplo, quando nos atentamos para uma mulher que é pobre, negra, pertencente a minorias, necessitando então se vista não somente como subalterna, mas também como silenciada dentro dessa própria estrutura. (SPIVAK, 2010).

Mas a mulher não pode estar no campo de disputa do verdadeiro ou não-verdadeiro, pois deve se manter nesse deslocamento inerente a uma ausência de fundamentos, como citamos linha acima, como ausência de conceito para

que a própria diferença promova os deslocamentos nos percursos imprevisíveis, logo, a mulher capaz de responder ou não, fazendo valer sua heterogeneidade, mas também a singularidade de cada mulher.

É a partir desse desenvolvimento que podemos observar a crítica elaborada por Judith Butler no primeiro capítulo do livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Segundo o capítulo “ ‘Mulheres’ como sujeito do feminismo”, há a seguinte situação:

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesse e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada. Mas política e representação são termos polêmicos. Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender a visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeito políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (BUTLER, 2010, p. 18).

Segundo Butler, se em um determinado momento a representação das mulheres para a teoria feminista procurou conceituar a necessidade de dar voz ao que era pouco ou sequer representado, o próprio “sujeito” das mulheres impossibilita a formação de conceito que de conta, até mesmo chegando ao ponto de se tornar uma questão política. O olhar crítico de Butler problematiza o sujeito perante a lei, essa violenta maneira de se colocar diante de uma complexidade sem precedentes, formando uma hierarquia e repetindo o mesmo modelo do masculino quando se torna incapaz de compreender a heterogeneidade da questão. Para Butler “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação” (BUTLER, 2010, p. 19).

Essa opressão pode ser vista de uma maneira deveras profícua quando vemos a voz anulada de Matilde no romance *Leite Derramado* de Chico Buarque. A história é narrada em primeira pessoa pelo personagem Eulálio, um homem conservador que se impõe como sujeito falocêntrico, posicionando-se através

do monólogo o tempo todo para expressar suas observações sobre o mundo, suas histórias de vida e, sobretudo, a tentativa de reconstituir Matilde, sua esposa. Sempre com doses de opressão despercebida pelo narrador-personagem, Chico Buarque joga com a criação desse personagem estereotipado na figura de um homem que julga ser realizado, mas que, no entanto, apresenta-se frustrado várias vezes ao remontar sua história de vida no leito de morte.

A Matilde, constituída pelo marido, muitas vezes era lembrada como alguém dotada de poucas qualidades, embora fosse capaz de acender seu desejo, quase ou até mesmo como se ela estivesse limitada a ser símbolo sexual desde seus quentes encontros enquanto jovens. Não somente o primeiro amor, Matilde foi a “cura” capaz de afastá-lo do desejo homoafetivo no início de sua descoberta sexual (BUARQUE, 2009, p. 4). Largou os estudos para se casar, não brilhava no piano e sequer cantava como ele imaginava que ela estivesse cantando em sua primeira aparição na igreja (BUARQUE, 2009, p. 9). Pouco sabia de literatura ou assuntos políticos.

Logo no início do romance, Eulálio recebe a visita da filha e narra o acontecimento da chegada do esperado engenheiro francês no cais do porto. Eulálio primeiramente conta que Matilde jamais havia visto um navio antes, e por isso, cogitou a hipótese de ambos irem recebê-lo. Porém, simplesmente muda de opinião repentinamente:

(...)quando lhe anunciei que iríamos em breve ao cais do porto, para receber o engenheiro francês, ela se fez de rogada. Porque você era recém-nascida, e ela não podia largar a criança e coisa e tal, mas logo tomou o bonde para a cidade e cortou os cabelos à la garçonne. Chegado o dia, vestiu-se como achou que era de bom-tom, com um vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda. Eu já lhe havia sugerido que guardasse aquele luxo para o mês seguinte, na despedida do francês, quando poderíamos subir a bordo para um vinho de honra. Mas ela estava tão ansiosa que se aprontou antes de mim, ficou na porta me esperando em pé. Parecia empinada na ponta dos pés, com os sapatos de salto, e estava muito corada ou com ruge demais. E quando vi sua mãe naquele estado, falei, você não vai. Por quê, ela perguntou com voz fina, e não lhe dei satisfação, peguei meu chapéu e saí. Nem parei para pensar de onde vinha a minha raiva repentina, só senti que era alaranjada

a raiva cega que tive da alegria dela. E vou deixar de falação porque a dor só faz piorar (BUARQUE, 2009, p. 5).

Em primeiro momento, Eulálio soa como alguém intolerante, um homem que não se importa com o desejo alheio. Procurou anular o comportamento entusiasmado da esposa, talvez por simples preocupação, cuidado ou censura. No decorrer da narrativa, dá uma deixa que justificaria seu ato. Matilde falava em francês apenas um “talibitate”. E justamente por ela falar muito pouco francês que na ocasião ele a excluiu como companhia. Mas logo após a reconstituição, Eulálio indaga sobre um comentário do engenheiro:

E uma vez, no cabaré Assirius, depois de dançar com senhoritas de outra mesa, pediu mais uma batida de limão e me perguntou por que eu nunca me fazia acompanhar da minha mulher, que todos diziam ser tão charmosa. Não sei de onde tirou isso, no seu círculo ninguém conhecia Matilde (BUARQUE, 2009, p. 13).

Eulálio justifica que decidira preservar sua esposa uma vez que ela não se adaptaria ao encontro. Logo após o “nobre” gesto de cuidado há uma nova situação, um encontro entre o engenheiro francês e Matilde, onde o ciúme constitui a cena narrada como o todo. Ao invés da preservação da esposa – uma vez que antes ela não havia sido convidada por não ter conhecimentos e interesses em comum – ele a desdenha com o mesmo olhar que censurou seu eufórico interesse pelo possível passeio no cais do porto. Citemos então a seguinte passagem:

A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado. Depois de meia hora eles voltaram se abanando, e escorria suor pelo colo de Matilde decote abaixo. Bravo, eu gritei, bravo, e ainda os estimei a dançar o próximo tango, mas Dubosc disse que já era tarde, e que eu tinha um ar fatigado. Fatigado estava ele, que pediu carona até seu hotel a duas quadras, e se recolheu sem se despedir direito, nem sequer beijou a mão de Matilde. Talvez tenha concluído, ao longo da noite, que ela era mulher para dançar maxixe, e não de beijar a mão. (BUARQUE, 2009, p. 18).

Matilde não tem voz na narrativa, mas implicitamente desloca a condição fálica na qual Eulálio se vê centrado. Ele se desconfigura imaginando diversos

casos de Matilde com outros homens, prefere até imaginá-la nessa condição do que de fato dizer o desfecho da sua relação enquanto casal. Não se sabe se de fato havia um outro ou se ela simplesmente morreu, apenas se sabe que Eulálio procurou sacrificar o fim de sua personagem, uma vez que a Matilde narrada por ele não é somente sua esposa, mas também algo construído em sua busca por uma verdade fálica, o objeto de controle daquilo que, no entanto, não se deixa conquistar.

Referências

- BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.
- CIXOUS, H. ; DERRIDA, J. "From the Word to Life: A Dialogue between Jacques Derrida and Hélène Cixous" *New Literary History*, Vol. 37, No. 1, Hélène Cixous: When the Word Is a Stage (Winter, 2006), pp. 1-13 Published by: The Johns Hopkins University Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/20057924>
- DERRIDA, J. ; FERRARIS, M. *O Gosto do Segredo*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Edições Fim de Século, 2006.
- SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar? Belo Horizonte*. Ed. UFMG: 2010.

ⁱ Mestre em Filosofia pela UFRJ, Especialista em Literatura Brasileira pela UERJ.